

TEMPO ESTENDIDO

PAULO PASTA
PINTURAS RECENTES

TEMPO ESTENDIDO

PAULO PASTA
PINTURAS RECENTES



**PAULO
DARZÉ**
GALERIA

PAULODARZEGALERIA.COM.BR

ABERTURA

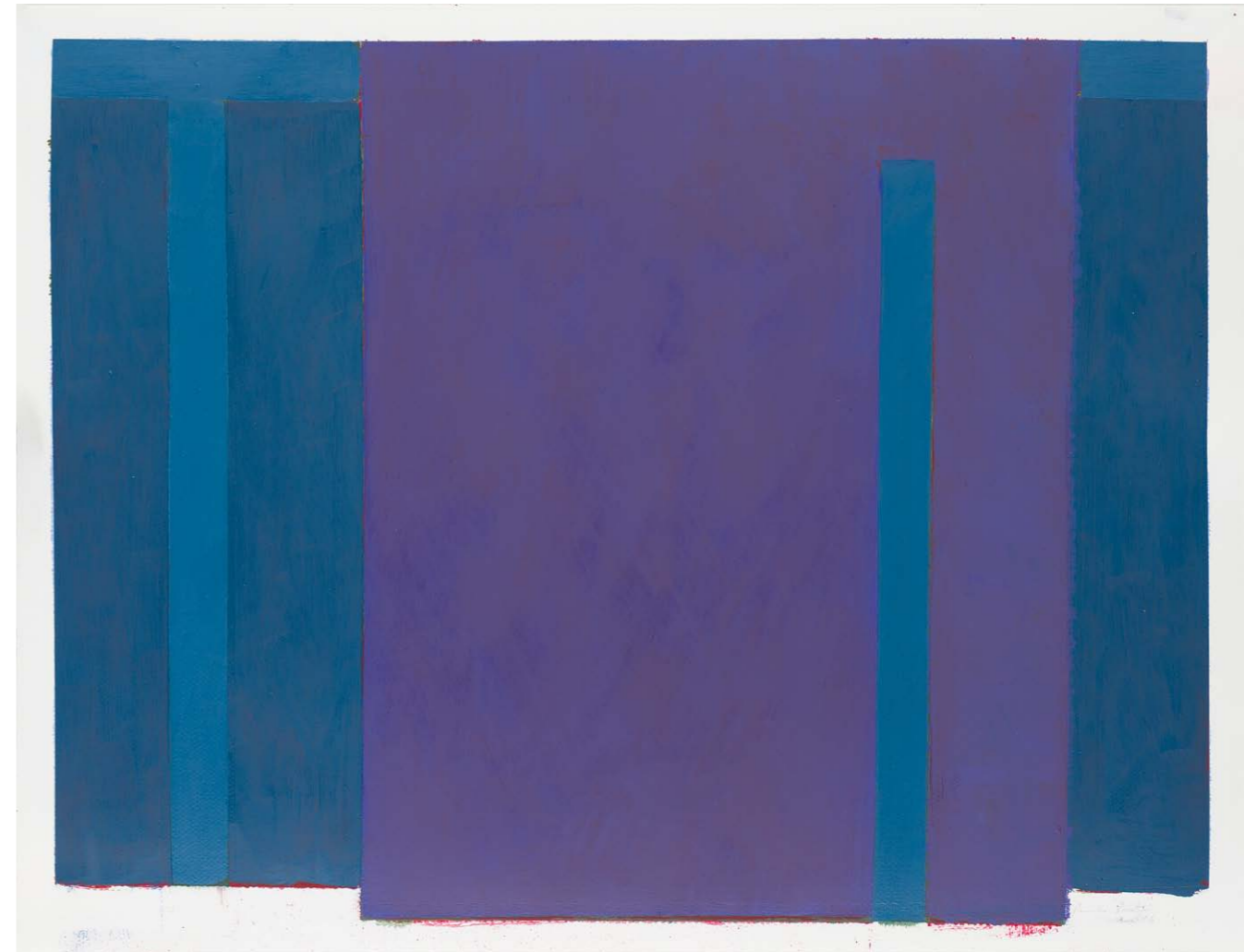
25 DE MAIO DAS 19 ÀS 22H
MANOBRISTAS NO LOCAL

EXPOSIÇÃO

26 DE MAIO A 1 DE JULHO 2017
SEGUNDA A SEXTA 9 ÀS 19H
SÁBADO 9 ÀS 13H

RUA DR. CHRYSIPPO DE AGUIAR 8
CORREDOR DA VITÓRIA SALVADOR

[71] 3267.0930 99918.6205
PAULODARZE@TERRA.COM.BR



SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016

ENTREVISTA DE MARIA HIRSZMAN
JORNALISTA E CRÍTICA DE ARTE

A BUSCA DE COERÊNCIA PERMANENTE ENTRE O QUE PINTAR E O COMO PINTAR, O USO VIRTUOSO DA COR, BEM COMO A CRIAÇÃO DE UMA ESPÉCIE DE TEMPO DILATADO, MEDITATIVO, EM SUAS TELAS, ESTÃO ENTRE AS CARACTERÍSTICAS MAIS MARCANTES DA OBRA DE PAULO PASTA, QUE REALIZA SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL EM SALVADOR. COMO É DE SEU COSTUME, PASTA SELECIONOU PARA A MOSTRA UM CONJUNTO DE PINTURAS E DESENHOS RECENTES, QUE, AO MESMO TEMPO QUE REVELAM A FISIONOMIA DE SUA PRODUÇÃO ATUAL, FORNECEM – EM SUA POTÊNCIA CROMÁTICA E RIGOROSO ESQUEMA CONSTRUTIVO – IMPORTANTES PISTAS PARA QUE SE APREENDA A RIQUEZA DA PESQUISA DESENVOLVIDA PELO PINTOR PAULISTA. CONSIDERADO UM DOS PRINCIPAIS NOMES DA PINTURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA, NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS.

SÃO 33 ANOS DE CARREIRA. UM PERÍODO LONGO, REPLETO DE EVOLUÇÕES INTERNAS, AMADURECIMENTOS, IDAS E VINDAS, COMO O RETORNO A PAISAGEM, REALIZADO NO ANO PASSADO. COMO VOCÊ VÊ RETROSPECTIVAMENTE ESTA TRAJETÓRIA?

Paulo Pasta - Nunca parei para pensar que tenho 33 anos de carreira, para pensar no sentido simbólico que isso tem. Acho que porque eu tenho uma compreensão, que a pintura me trouxe, de que este é um trabalho sem fim. Estou sempre, como no mito do Sísifo, levando a pedra para cima. Comemoro discretamente uma conquista de trabalho. Discretamente porque eu sei que a pedra vai estar lá embaixo de novo e eu vou ter que de novo levá-la para cima. Enfim, acho que esses anos me ensinaram isso: A ter mais paciência com o trabalho, a suportar melhor as crises. Antes, quando mais jovem, me lembro que numa dessas crises de ansiedade eu pensava: E agora? O caminho se fechou? Agora eu sei. Não se fechou. Isso faz parte da longa experiência do trabalho. Essas compreensões foram se fazendo. Para isso serviram os 33 anos.

“OS TEMAS CHEGAM PARA FICAR”, COMO VOCÊ DISSE CERTA VEZ? VOCÊ CONTINUA PENSANDO ASSIM?

Eu sempre digo que o que eu mais gosto é de ter o que pintar. Sabe, os motivos para a pintura. Porque eu acho que esse é o oco de todo pintor: o que pintar! É uma equação difícil, o que e o como. Eles tem que ter uma harmonia, tem que existir para mim uma relação de cumplicidade entre as duas coisas. E quando eu tenho algo para pintar eu fico feliz. Porque nesse sistema que eu inventei para mim preciso me reconhecer nas coisas que eu pinto. Eu posso pintar qualquer coisa, mas não são em todas as coisas que eu me reconheço.

VOCÊ TEM UMA IDENTIDADE MUITO FORTE, DAS MAIS MARCANTES DA ARTE BRASILEIRA HOJE. UMA ASSINATURA MUITO PRECISA.

Isso. Então eu gosto de isolar uma coisa, um motivo. E desdobrá-lo, torná-lo meu. É aí que ele fica verdadeiro. É aí que eu sinto que eu estou tocando algo que é verdadeiro, fazendo uma pintura minha. Esses temas, que eu chamo de esquemas, não são realistas, mas são reais. Não são abstratos porque são esquemas do mundo (caco, viga, cruz, coluna). No começo eram mais ligados às naturezas-mortas, agora são ligados mais à arquitetura. Antes faziam parte mais do espaço morandiano, agora fazem mais parte de um espaço arquitetônico, mais ao espaço da pintura pré-renascentista italiana, se é possível dizer isso. Enfim, são esses esquemas que me ocupam bastante e que me deixam felizes quando eu os encontro. E agora está acontecendo uma coisa engraçada. Ao longo dos 33 anos fui encontrando vários deles. E formei um repertório. Então vou desdobrando, vou unindo um com o outro. Às vezes estou unindo cruz com viga, unindo viga com um portal. Isso me dá uma alegria. Puxa, isso são coisas que estou tirando de mim mesmo, estou cavando em mim mesmo.

VOCÊ COSTUMA DIZER QUE A COERÊNCIA ENTRE O QUE PINTAR E O COMO PINTAR É ESSENCIAL. EM OUTRAS PALAVRAS, O ASSUNTO E A FORMA ESTÃO INTIMAMENTE ASSOCIADOS?

É. Eu não separo forma e conteúdo. Sou de uma geração que aprendeu a desconfiar de todo e qualquer sentido retórico, literário da arte. A evitar, a desconfiar do excesso de literatura, a buscar uma espécie de simplificação, de ascese mesmo, de síntese. Então é preciso ter uma combinação entre forma e conteúdo, entre o que e o como.

É O MAIS DIFÍCIL, NÃO?

É, eu acho. Acho que é isso que eu identifico como um grande pintor sabe? O Morandi, por exemplo. É vital esse não divórcio entre o tema e a pintura. Porque senão vira uma ilustração, para mim. Fica ilustrativo.

MESMO QUE ESSE TEMA NÃO SEJA DE FÁCIL APREENSÃO, COMO NO SEU CASO?

Tanto é que eu acho que eu sou mal compreendido nisso. As pessoas as vezes falam, puxa, você se repete muito.

E AO MESMO TEMPO TODAS AS SUAS TELAS SÃO DIFERENTES...

Exatamente. Eu não acho que eu me repito. Nenhuma tela minha é igual a outra. Mostrar essa variação mínima na unidade é reafirmar essa unidade. Quer dizer, os dias parecem todos iguais, mas são diferentes. É algo assim. Uma espécie de toque nessa essência do tempo. Acho que a minha pintura é mais temporal do que espacial. Na frente dela temos muito mais uma sensação de tempo do que de espaço. Uma sensação de amadurecimento das coisas, de densidade, de captação do instante. Tem uma permanente construção desse momento.

SEU TRABALHO SE DEFINE NO PROCESSO, NO FAZER DIÁRIO DO ATELIÊ. “SE PENSAR, PARO”, DIZ VOCÊ. É NO FAZER QUE ISSO SE DÁ?

Olha, eu tenho as duas coisas. Faço e penso, mas procuro não pensar de uma maneira muito muito aguda, muito crítica, na hora que eu estou fazendo. No fazer é mais um pensar sensível, mais contaminado pelo prazer da matéria sabe?

QUASE COMO UMA MEDITAÇÃO?

Acho que sim. Essa palavra eu gosto. O Amílcar falou uma coisa para mim que eu gosto de repetir: “Teu trabalho é uma reza. Você está dentro da catedral”. Eu acho também isso. O que é uma reza senão a repetição de algo? Eu queria fazer isso: Que minha pintura tivesse a possibilidade de transcender alguma coisa. Que olhando para ela você pudesse, através de cor, forma, ter uma experiência diferente dessa experiência comum, ordinária, cotidiana. É algo que eu busco com a pintura. A arte para mim sempre foi consolo.

VOCÊ NORMALMENTE EVITA OS CONTRASTES. A SÍNTESE TE INTERESSA MAIS DO QUE A ANTÍTESE?

Sim, eu sou mais da síntese. A questão do contraste é para mim muito cara. Quando eu comecei, as pessoas falavam: “Puxa, você é um pintor monocromático”. Eu respondia: “Não sou porque não quero ser”. Não tenho uma afirmação disso no meu trabalho, não tenho uma deliberação. “Estou lutando para colocar diferenças de cores aí, mas eu não estou conseguindo!”. Acho que minha pintura responde a essa dimensão ética. Eu não sou um pintor voluntarioso, nada disso. Para que pudesse me reconhecer. Para que as coisas saiam daquela maneira. Então ao longo do tempo fui arrumando recursos internos para ir colocando as diferenças de cor, os valores, os contrastes. E fiquei muito feliz quando consegui. E me dei conta que a minha grande questão não era muito o que pintar, era como.

ONDE VOCÊ VIU ESSA VIRADA, ESSE MOMENTO?

Essa virada foi quando comecei a fazer as colunas, em 1995, 96 e 97. Não que eu tenha abandonado a tonalidade, porque eu acho que sou de fato um pintor tonal, mas comecei a entrar nas diferenças de cor, a conseguir olhar e me reconhecer naquilo.

MAS SEMPRE BUSCANDO A MESMA INTENSIDADE, A MESMA ENERGIA ENTRE AS CORES MESMO QUE ELAS SEJAM TÃO DIFERENTES?

Tem que ter isso que eu chamo de funambulismo, essa cor manhosa, essa cor que está e não está, meio suspensa... É preciso que as cores tenham a mesma intensidade, cheguem igual. Eu gosto dessa instabilidade, sabe? Quando isso acontece na minha pintura, quando você vê e não vê, aí ela está pronta.

POR QUE VOCÊ ACHA QUE SEU TRABALHO É TÃO DIFÍCIL DE CIRCULAR EM OUTRAS IMAGENS. ELE PARECE NÃO ACEITAR SER TRADUZIDO EM IMAGEM FOTOGRÁFICA. SERIA A QUESTÃO TEMPORAL, SERIA ESSA INTENSIDADE CROMÁTICA? ESSE CARÁTER MEIO ASCÉTICO?

Eu não sei. Me dá a impressão de perguntar para o periquito porque ele é verde. Não sei.

MAS VOCÊ CONCORDA COM ISSO?

Ele é tímido sim. Mas ao mesmo tempo tem dentro dele uma desmesura, uma coisa qualquer. Ao mesmo tempo em que ele tem essa vocação para essa timidez, ele tem essa desmesura de tamanho e cor. E isso que faz dele um trabalho contemporâneo. Senão seria somente um trabalho tímido. Não é? Ao mesmo tempo em que ele tem essa vocação para se esconder, tem uma vocação enorme para se mostrar.

Sem Título óleo sobre tela 150 x 120 cm 2015

PENSANDO EM WALTER BENJAMIN, ELE TEM AURA, NÃO PERTENCE À ERA DA REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA.

Não. E eu desconfio de tudo que se mostra de uma maneira muito cabal. Desconfio. Eu gosto da reserva, da pergunta, da dúvida, da indefinição. Acho que esse ponto é um núcleo, uma questão muito importante do meu trabalho.

ESSA NECESSIDADE DE PRESENÇA FÍSICA DIANTE DA OBRA TORNA MAIS DESAFIANTE A DESCOBERTA DE NOVOS PÚBLICOS, COMO AGORA EM SALVADOR?

Eu fico curioso. Porque a ideia que a gente tem de Salvador é a de que é o lugar da exponenciação das coisas, das cores, das formas. Mas também não sei. Sensibilidade tem em todo lugar. Sempre tive experiências incríveis nos lugares em que expus. Uma vez, não lembro onde, chegou uma menina para mim e disse: "Você esconde as cores, né?" Achei bonito isso. Outra vez um cara chegou e falou assim: "Nossa, parece que está sempre para acontecer alguma coisa e não acontece nada". Não é legal? E de fato é assim. Há algo ali anunciando um acontecimento, mas não acontece. Tá em estado de letargia, sei lá.

A COR TEM UMA IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL EM SEU TRABALHO. PODE-SE DIZER QUE ELA É A ARMA DE SEDUÇÃO PRIMEIRA. É NO CONTRASTE CROMÁTICO QUE SE FAZ A LUZ, TÃO POTENTE EM SUAS TELAS?

Eu não penso em sedução. Fico buscando ali um momento em que eu goste delas. Talvez esse momento seja ela me seduzindo e por aí possa seduzir os outros. Mas eu não tenho essa relação. Agora, eu gosto da cor. Gosto, fico atento. Por exemplo, quando dou uma aula fico atento ao aluno, a uma cor que perto da outra não deu certo, quando o tom não está legal, está sujo, não está afinado...



SÃO QUESTÕES QUE FORAM MEIO ABANDONADAS PELA ARTE CONTEMPORÂNEA, NÃO?

A arte contemporânea é muito ampla. Uma parte dela abandonou essas questões mais estéticas, ligadas ao sentido do fazer. Nesta vejo prevalecer as questões políticas engajadas, que tomou o primeiro plano. Mas penso que toda boa arte tem uma dimensão política, sem precisar ser literal. Algumas das questões sempre presentes em arte parecem que não valem mais. Mas a gente sabe que o pêndulo da história vem e vai.

VOCÊ SEMPRE REPETE QUE A COR É RELAÇÃO, QUE A COR NÃO EXISTE EM SI.

Eu gosto muito de uma frase do Cézanne que diz assim: “A cor é o local onde meu cérebro e o universo se unem”. Bonito né? O Matisse falava: “Eu sinto pela cor”.

E VOCÊ FALARIA COMO?

Eu não sei, rsrs. Acho que a cor pra mim tem um poder consolador, como te falei. Curativo, consolador, regenerador, reflexivo. De sugestões. Ela é vetor para mim de sentimentos, de sensações. Canaliza sem precisar estar exteriorizando pensamento analítico, mas sensorialmente. Eu gosto muito da cor por isso. Ela emana, ela se coloca, se faz presente, sensibiliza, toca, sem precisar para isso criar um texto, um contexto, uma ideologia, nada disso. Esse poder sensorial da cor me encanta muito. Calado, quieto, mudo, silencioso. É poder silencioso da cor é algo que eu admiro e fico querendo valorizar. Para mim um quadro bom é também um quadro silencioso. Quando essas relações todas levam ao silêncio.

É QUASE UMA COMPOSIÇÃO...

A música também tem silêncio, intervalo, pausa. Saber jogar com isso. Também gosto muito de jogar com esse ponto cego da minha

pintura. Apesar da cor, apesar da luz, há esse momento de efusão, efusão luminosa, efusão lírica, onde você se perde um pouco. Isso eu gosto. Um pouco uma suspensão. Isso que eu quero muito que aconteça.

VOCÊ DISSE EM ENTREVISTA RECENTE QUE SUA COR É ATMOSFÉRICA, QUE VOCÊ TEM FASCÍNIO POR PINTAR CÉUS. AO CONTRÁRIO DE UM ARTISTA COMO JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA, QUE QUASE EXPURGA OS CÉUS DE SUAS PAISAGENS. QUAL É A RAZÃO PELA SEU ENCANTO COM ELES?

Mas às vezes ele põe o céu na terra, né, aqueles campos de algodão intermináveis. Eu acho que o Silva é um homem da terra, o Silva é um homem da transformação, que opera nas coisas, do instrumento, não é o homem da sublimação, do consolo. Ele é da transformação, pinta as coisas se transformando, a mata se transformando em lavoura, os instrumentos de trabalho. Quando ele pinta uma natureza morta ele corta a fruta, põe o pedaço da fruta, a faca do lado, a mão que cortou... É como se ele tivesse a necessidade de mostrar a ação se fazendo ou o que provocou a ação. Então o céu para ele deve ser algo muito parado, sem ação nenhuma.

EM COMPENSAÇÃO OS SEUS CÉUS SÃO MOVIMENTADÍSSIMOS.

O céu é atmosfera para mim. Sabe essa coisa de ter movimento e não ter. Ser sempre igual e ser sempre diferente, ser figurativo e abstrato... Uma nuvem é figurativo ou abstrato? Ele tem todas as cores ao mesmo tempo. O céu nesse sentido espelha muito das minhas coisas, sabe? Ele é a luz. O céu é infinito, nunca tem um céu igual. Gosto muito. E pintar o céu é difícil, é um exercício de contenção e de observação, de limite. Eu viajei agora, olhei o céu da Holanda e tinha um verde no céu. Aqui no Brasil não tem isso. Gosto de viajar por isso. Ficar olhando a luz local, a natureza local. Você vai entendendo a pintura local. Eu entendi completamente. Viajei para a Holanda e fiquei olhando aquilo... Olhei mais as paisagens do que a pintura holandesa. Eu entendi!



Sem Título óleo sobre tela 150 x 120 cm 2015

OLHAR A PAISAGEM AJUDOU A ENTENDER A PINTURA?

A entender a pintura.

É AQUELA COISA QUE QUANDO OS PINTORES CHEGAVAM AQUI FICAVAM DESESPERADOS, PORQUE FICAVA TUDO CHAPADO COM A NOSSA LUZ?

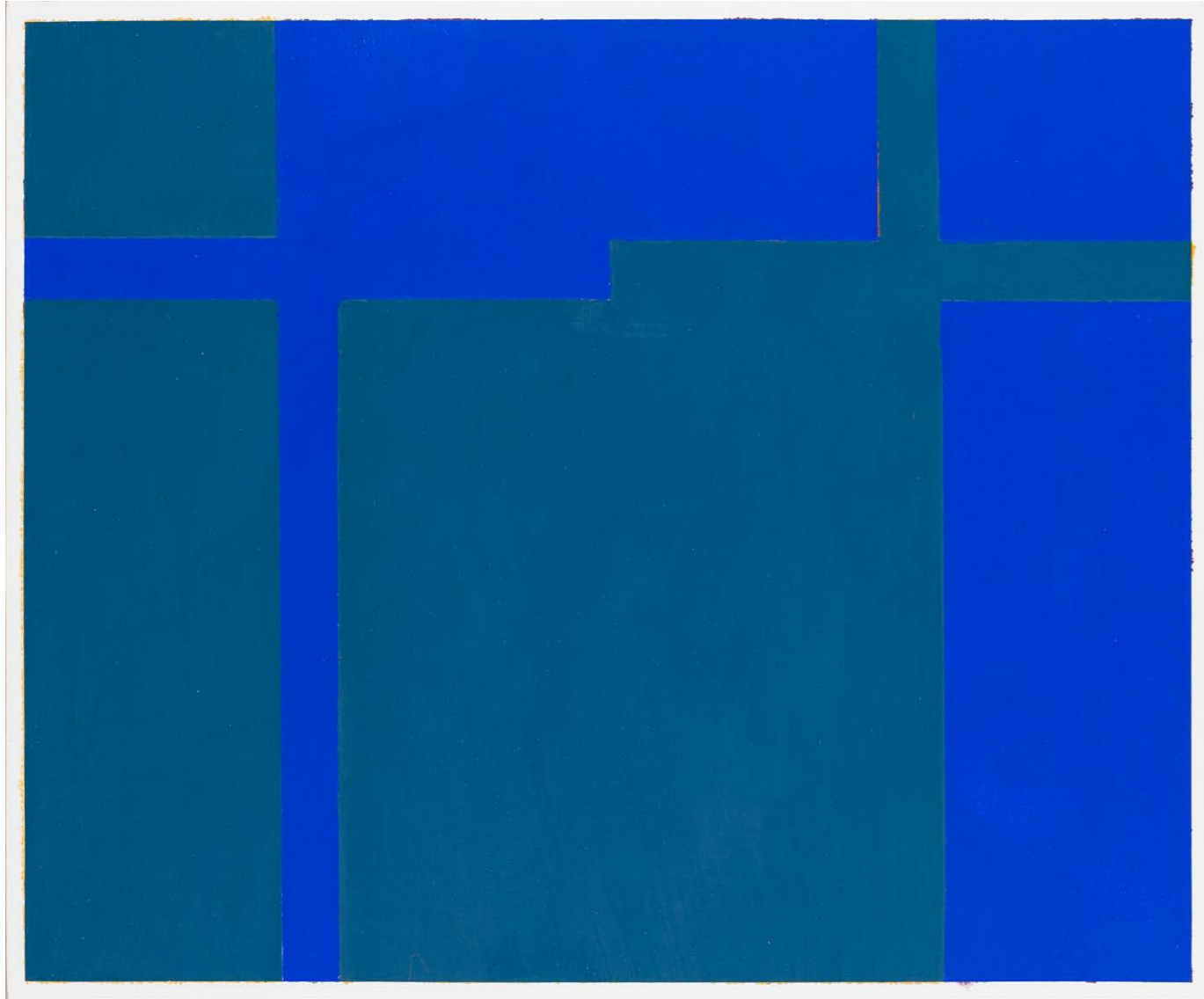
A nossa luz é horrível. Agora vai começar a melhorar, o outono quebra, mas a luz do verão é horrível. Só brilho e reflexo. Você não vê nada. Não favorece a cor.

VOCÊ FALOU ALGUMAS VEZES DESSE AMBIENTE, DESSA COISA QUE ESTÁ PARA ACONTECER, QUASE CENOGRÁFICA. E QUALQUER ELEMENTO CIRCUNSTANCIAL É ELIMINADO. FIGURA HUMANA, ANIMAL, VEGETAL... NO MÁXIMO NAS PAISAGENS A GENTE VÊ UMA SUGESTÃO DE ÁRVORE OU COISA ASSIM... ISSO É UMA DAS SUAS REGRAS?

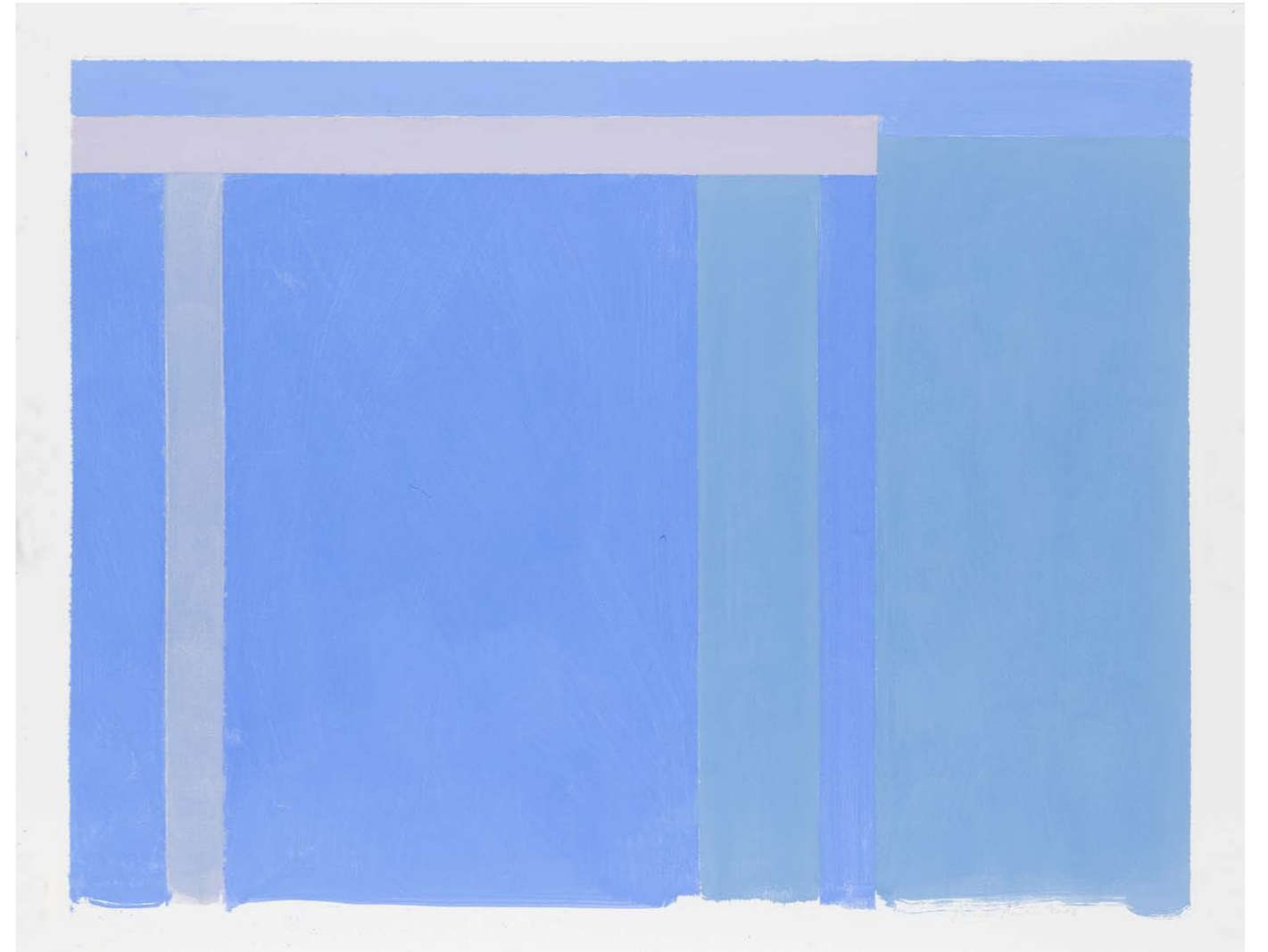
Nunca gostei de fazer figura humana. Nunca. Quando conheci a metafísica italiana me identifiquei muito com ela por causa disso também. Na metafísica italiana a figura humana entrava por simulacros, os manequins, os bonecos, estátuas... Mas nunca a figura humana. Parece que ela não cabia naquele sistema que queria mostrar um pouco esse tempo suspenso. Agora minha pintura tem sim esse tema. Esse tema recorrente que é uma espécie de boca de cena, de limiar, de portal, algo assim. Mas acho que isso também é uma metáfora da pintura.

ESSE PORTAL NORMALMENTE DARIA LUGAR A UMA CENA, QUE NO SEU CASO NÃO ACONTECE. É COMO SE VOCÊ TENTASSE DILATAR ESSE INSTANTE?

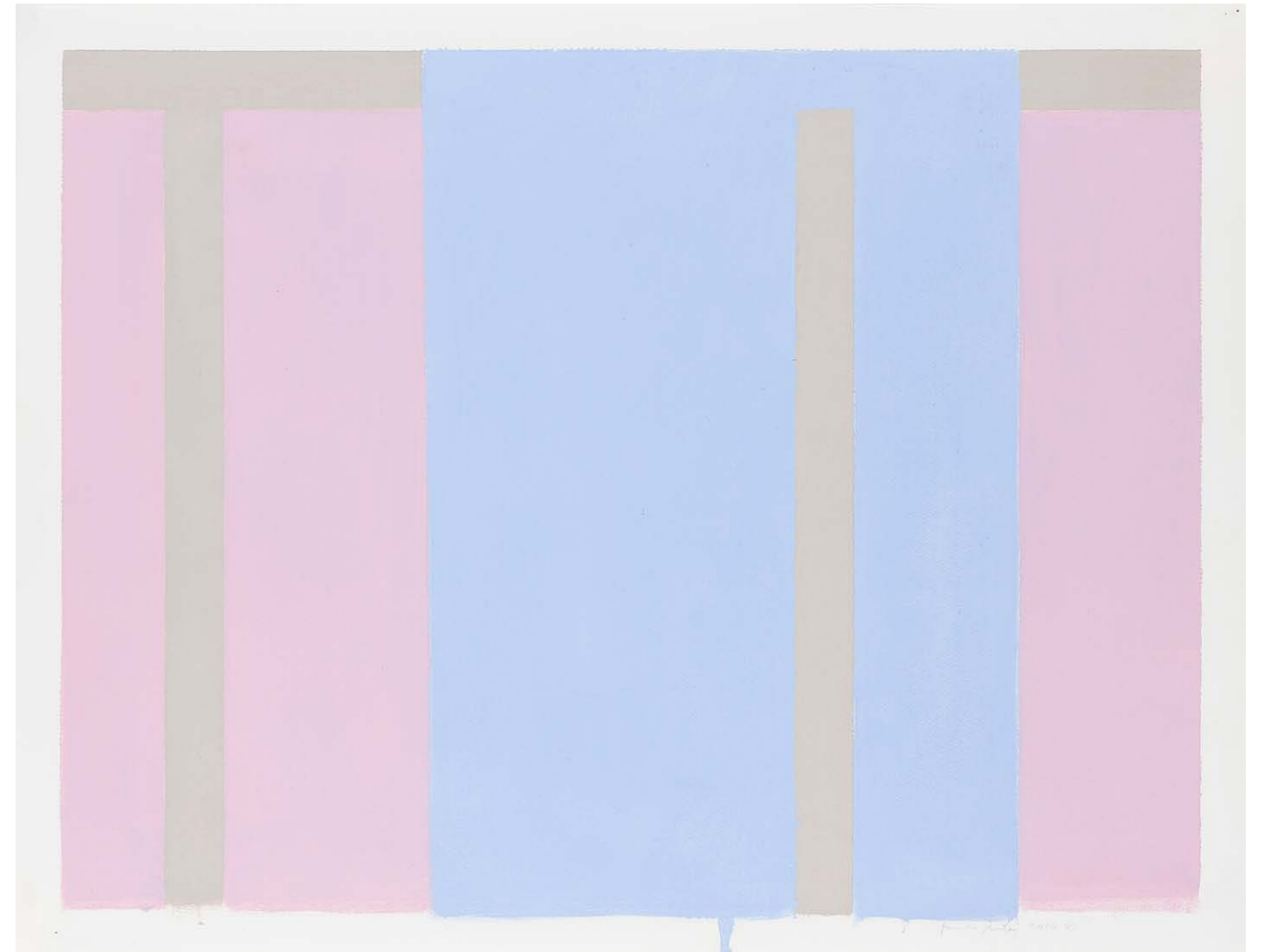
Isso, talvez isso. Você arma tudo para o acontecimento. Esse acontecimento, sei lá, é a luz? É a cor? É a própria pintura? É o instante se fazendo na sua frente? É o tempo se presentificando?



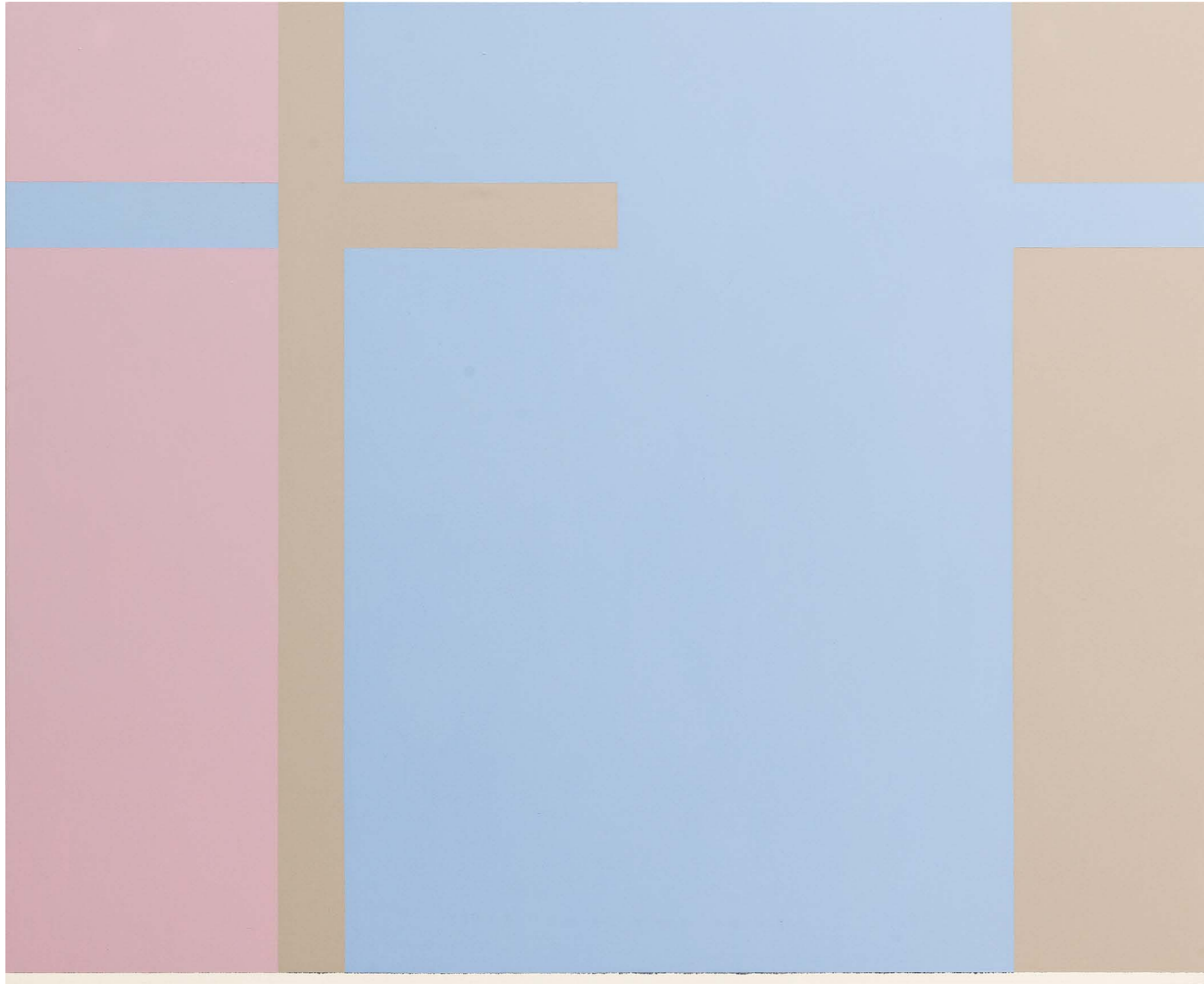
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 50 X 60 CM 2017



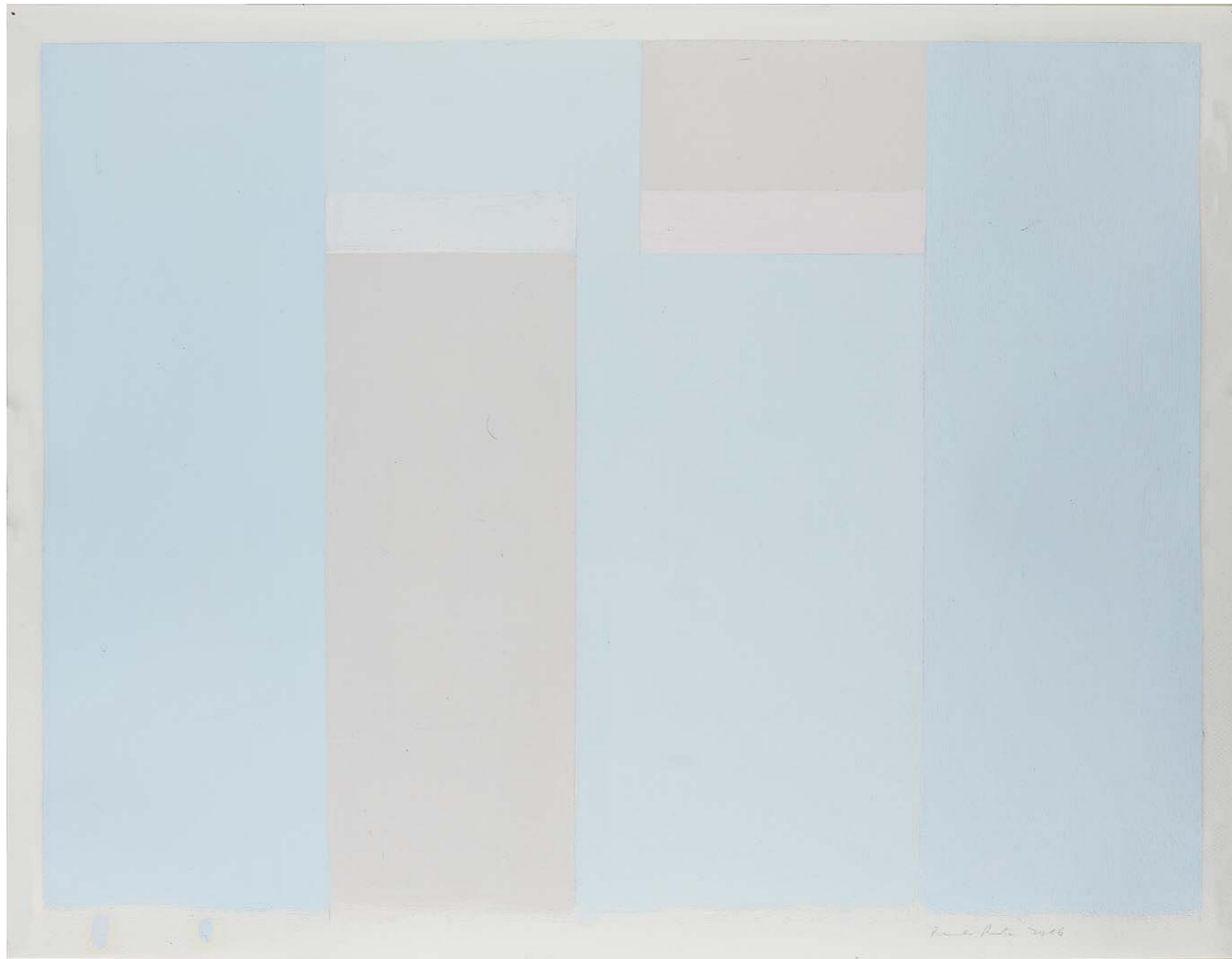
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



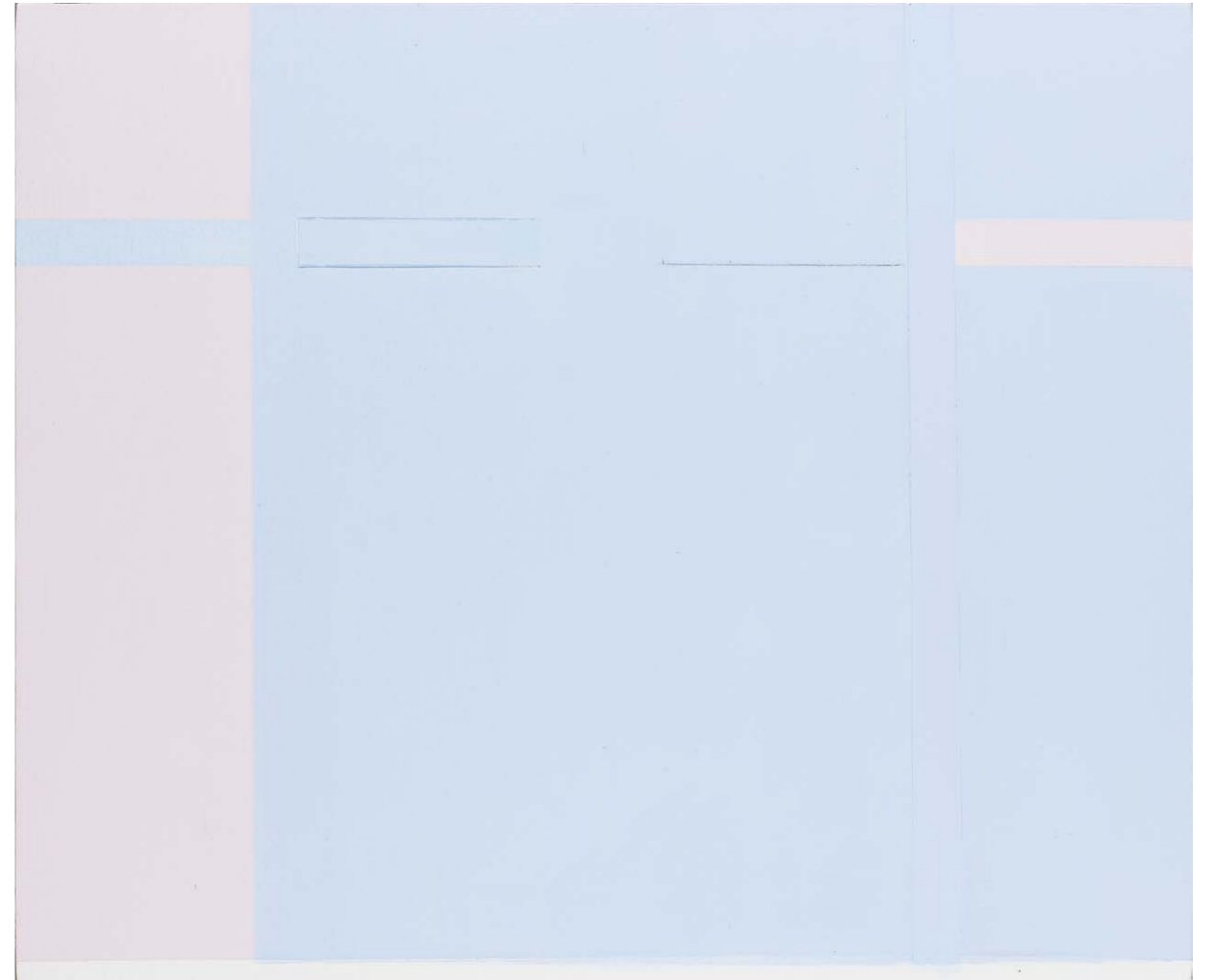
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



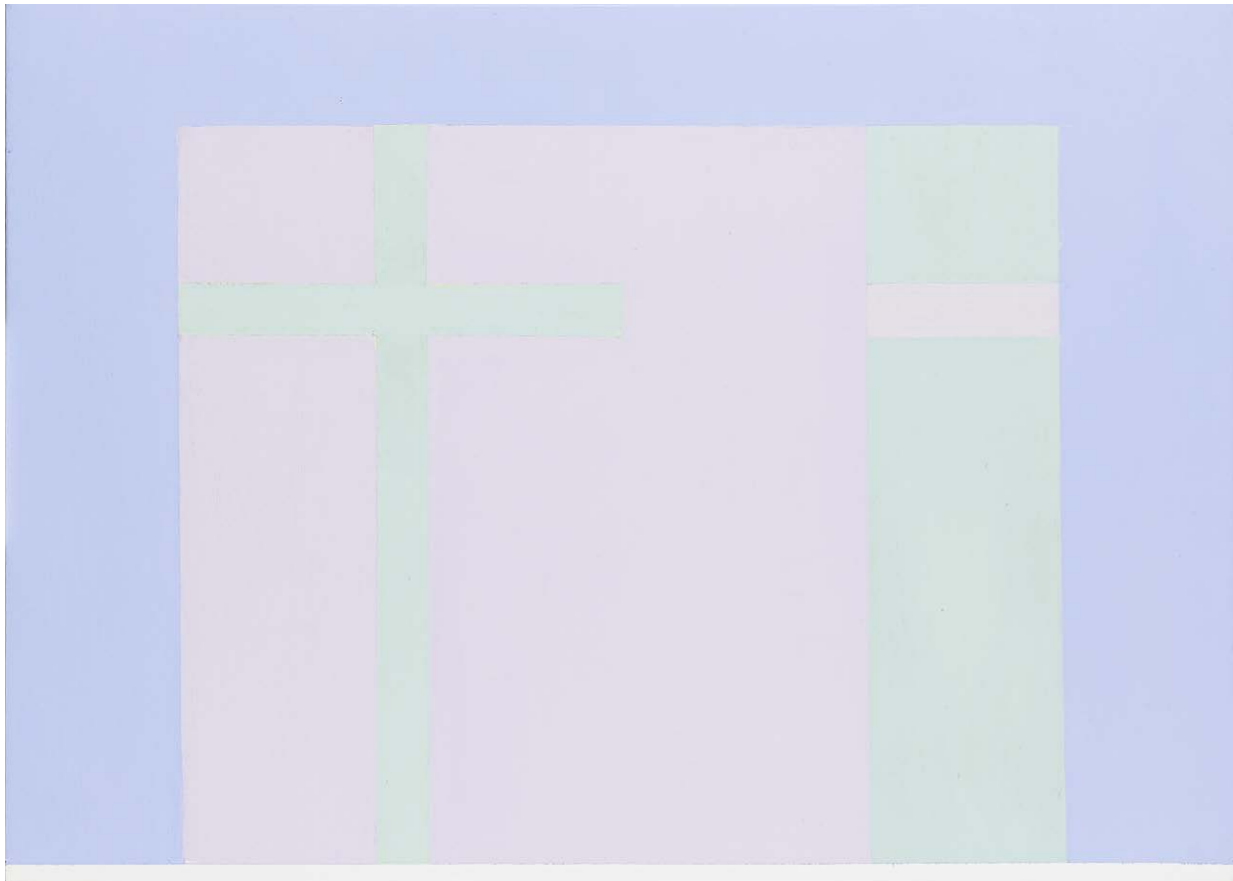
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 180 X 220 CM 2016



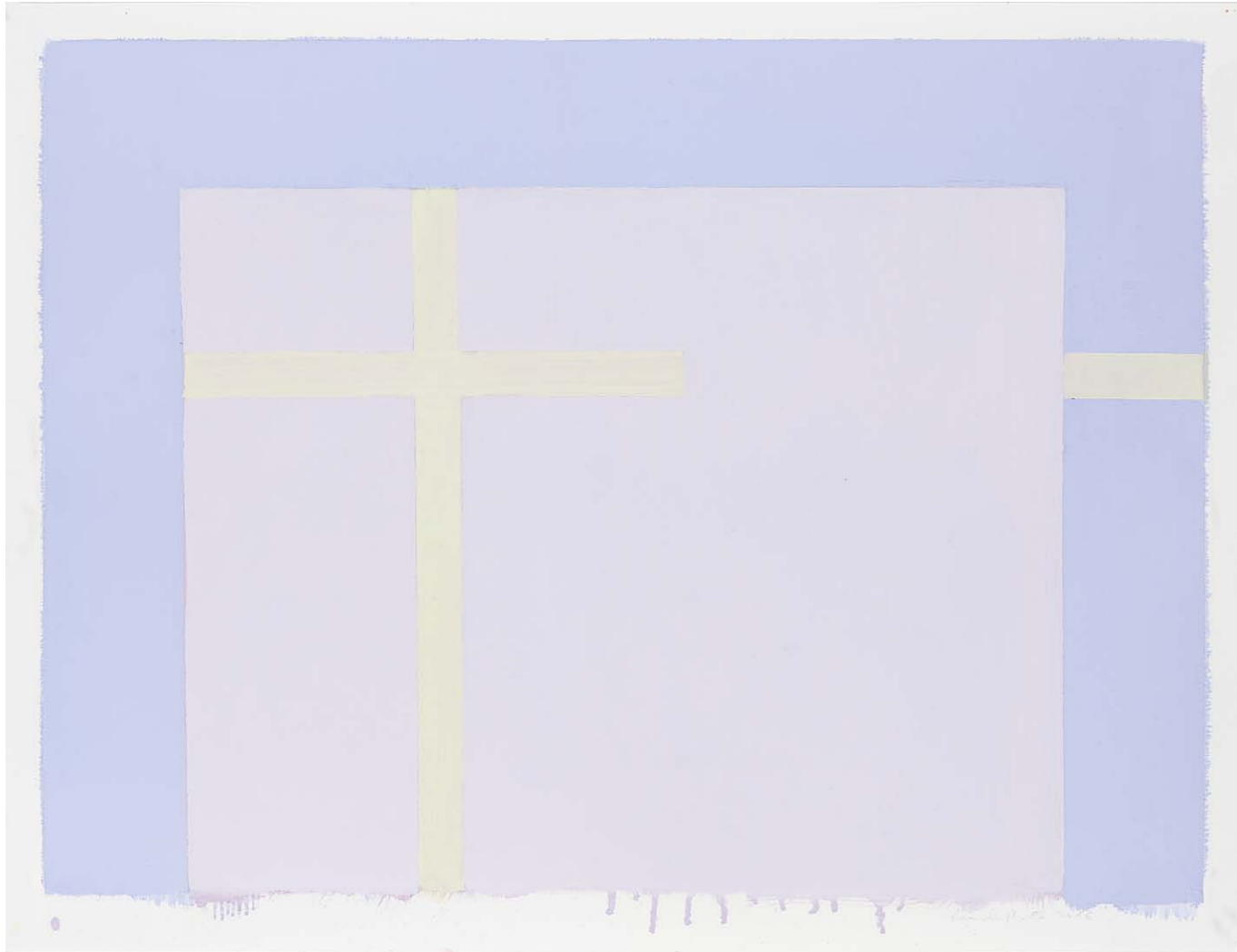
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



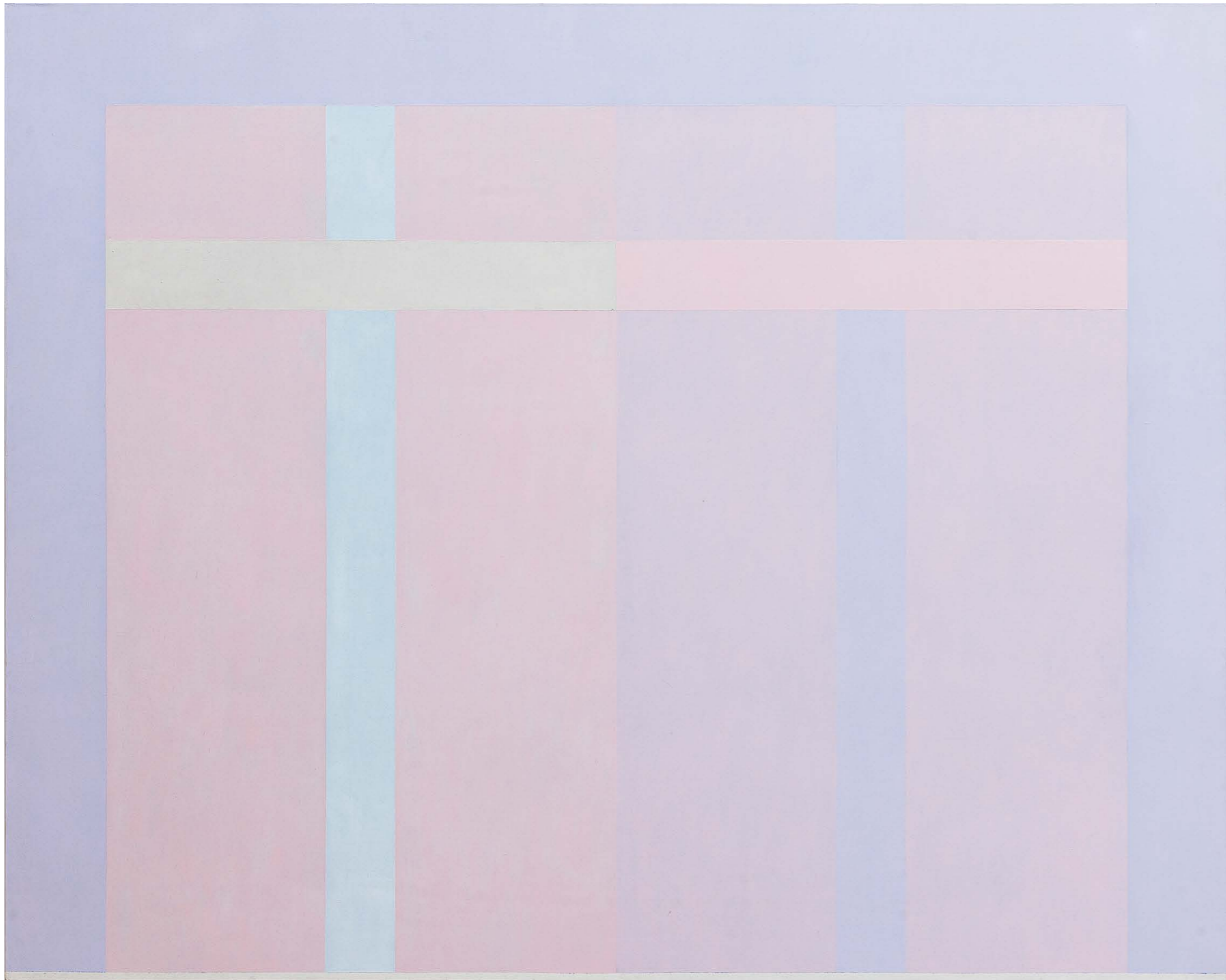
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 50 X 60 CM 2017



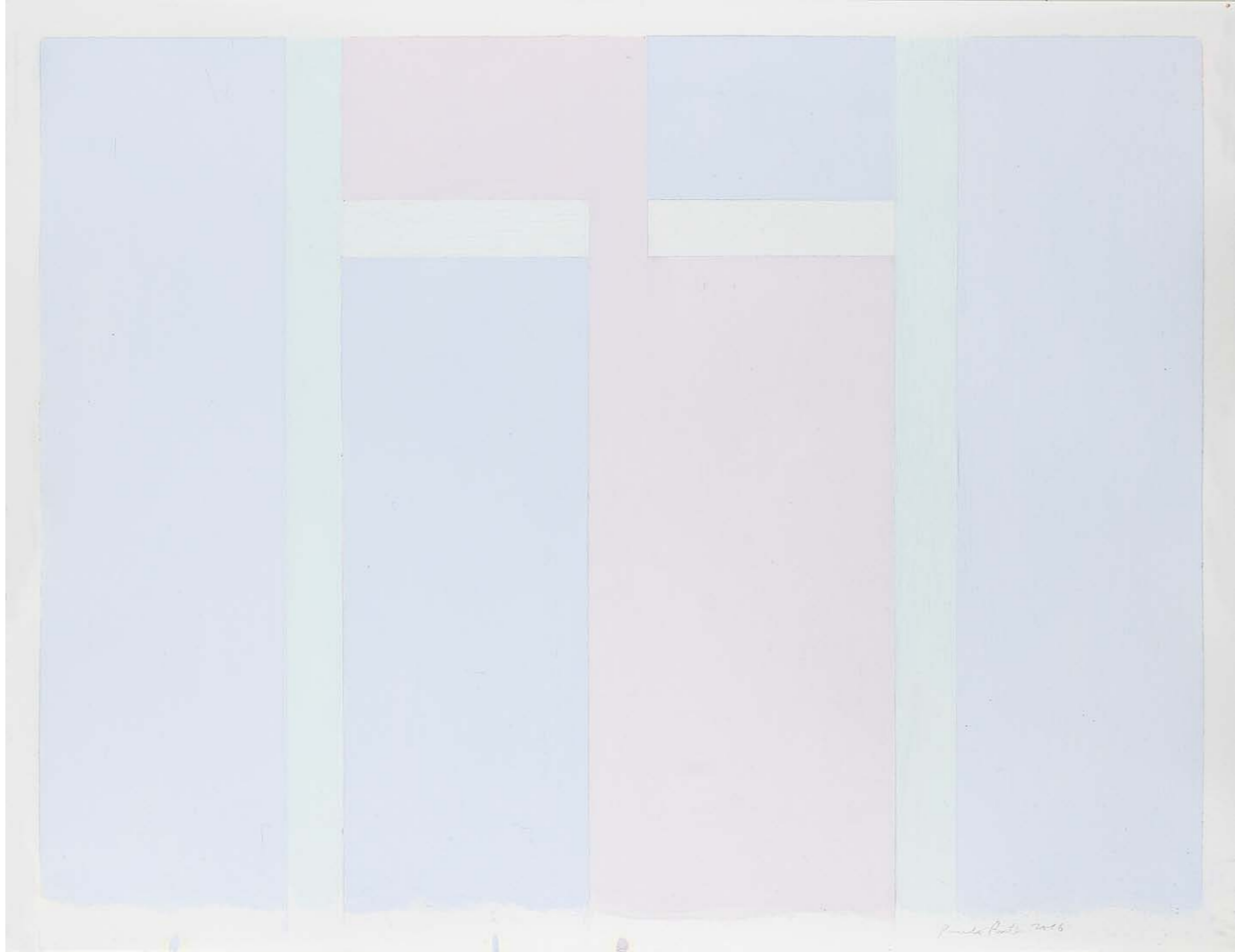
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 50 X 70 CM 2016



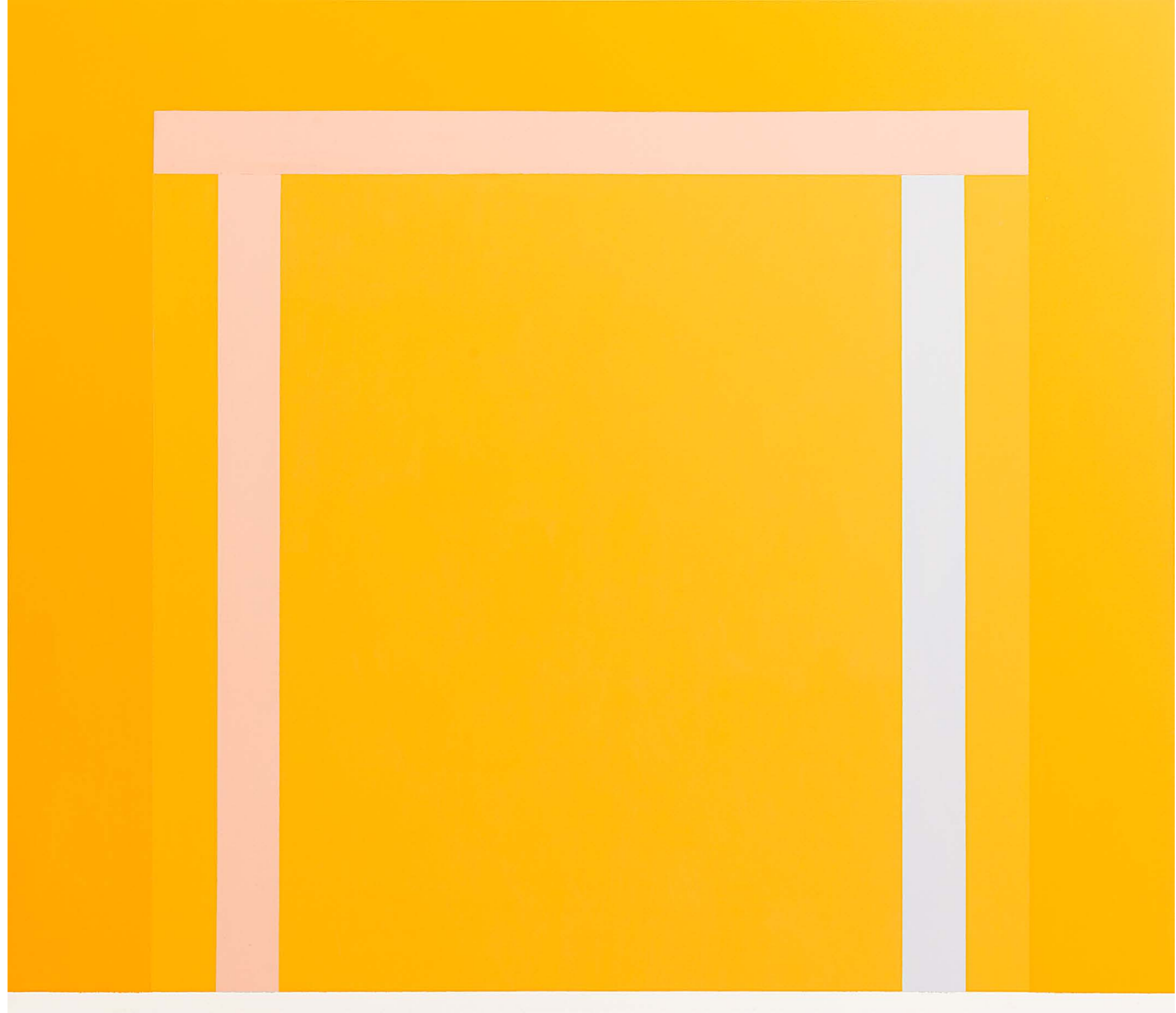
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



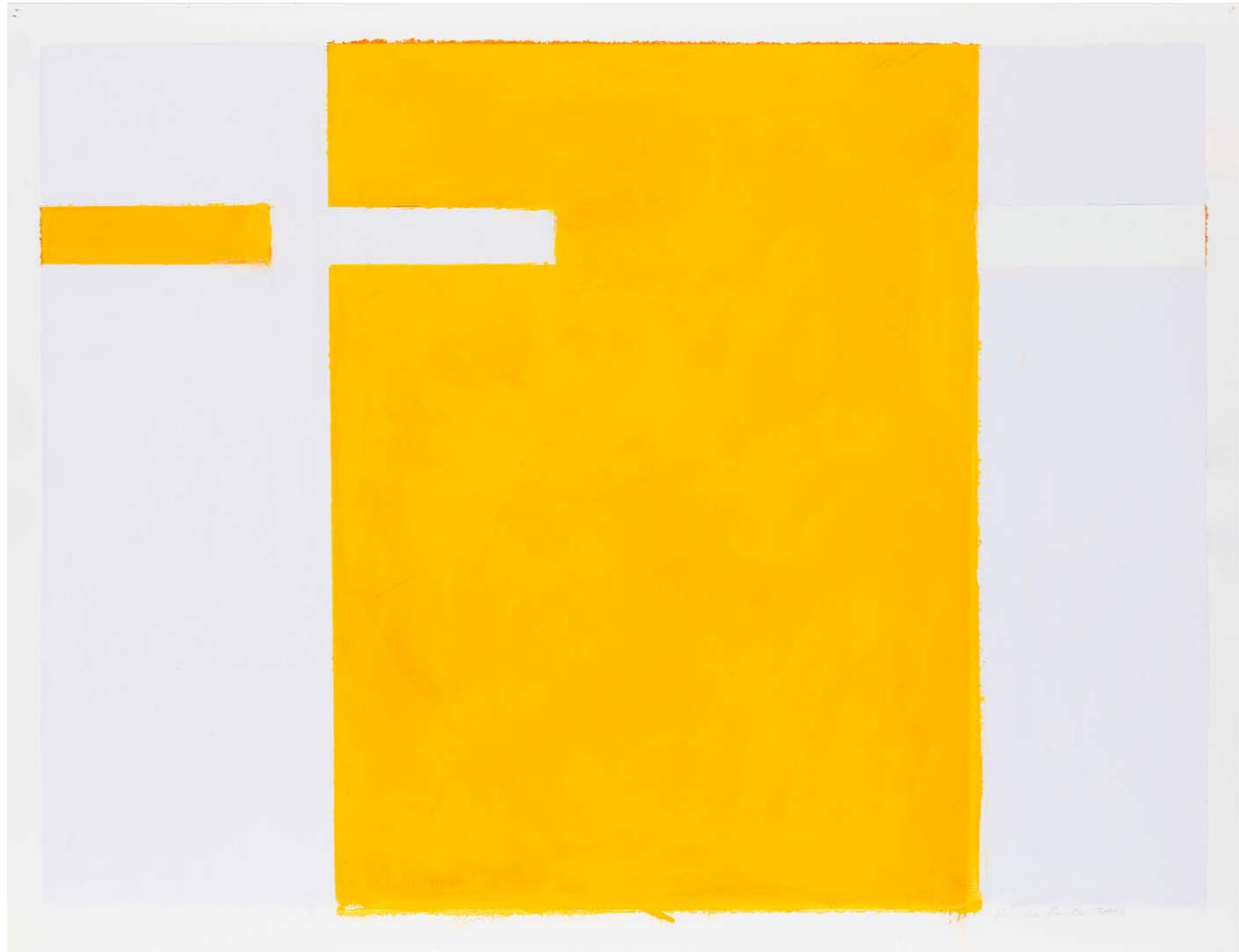
SEM TÍTULO CAPA
ÓLEO SOBRE TELA 240 X 300 CM 2015



SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



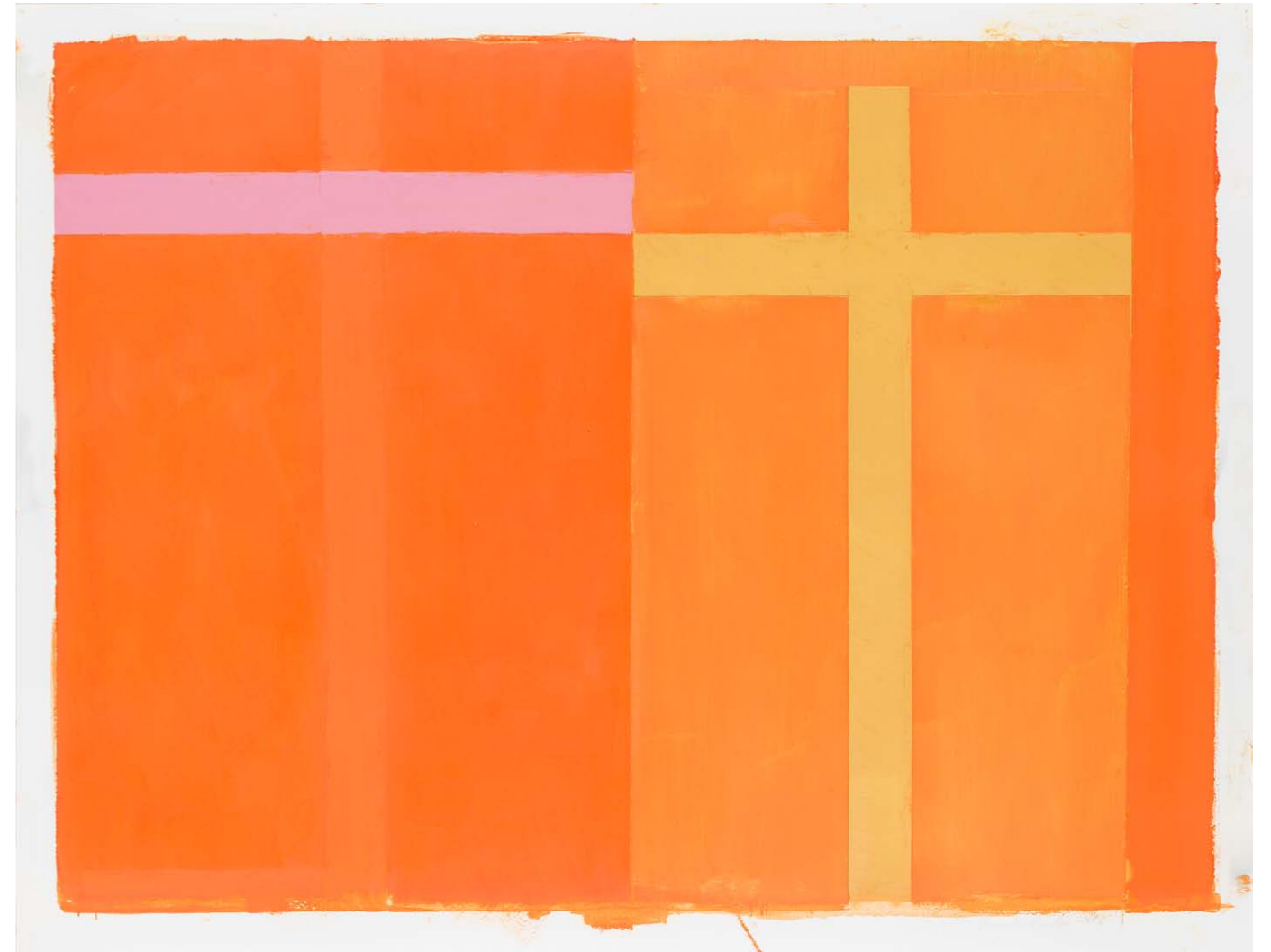
FEVEREIRO
ÓLEO SOBRE TELA 200 X 230 CM 2017



SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



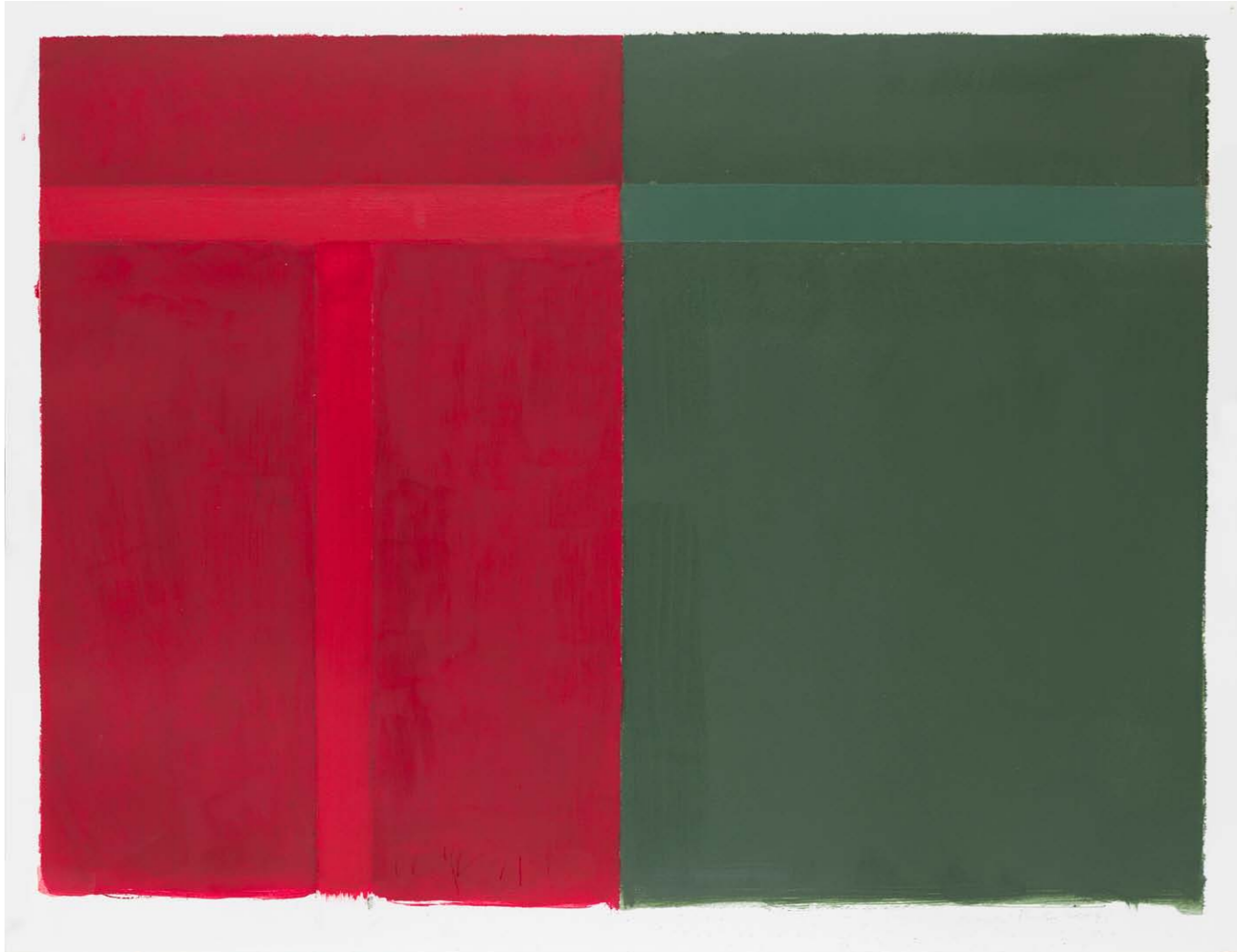
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 50 X 70 CM 2016 - 2017



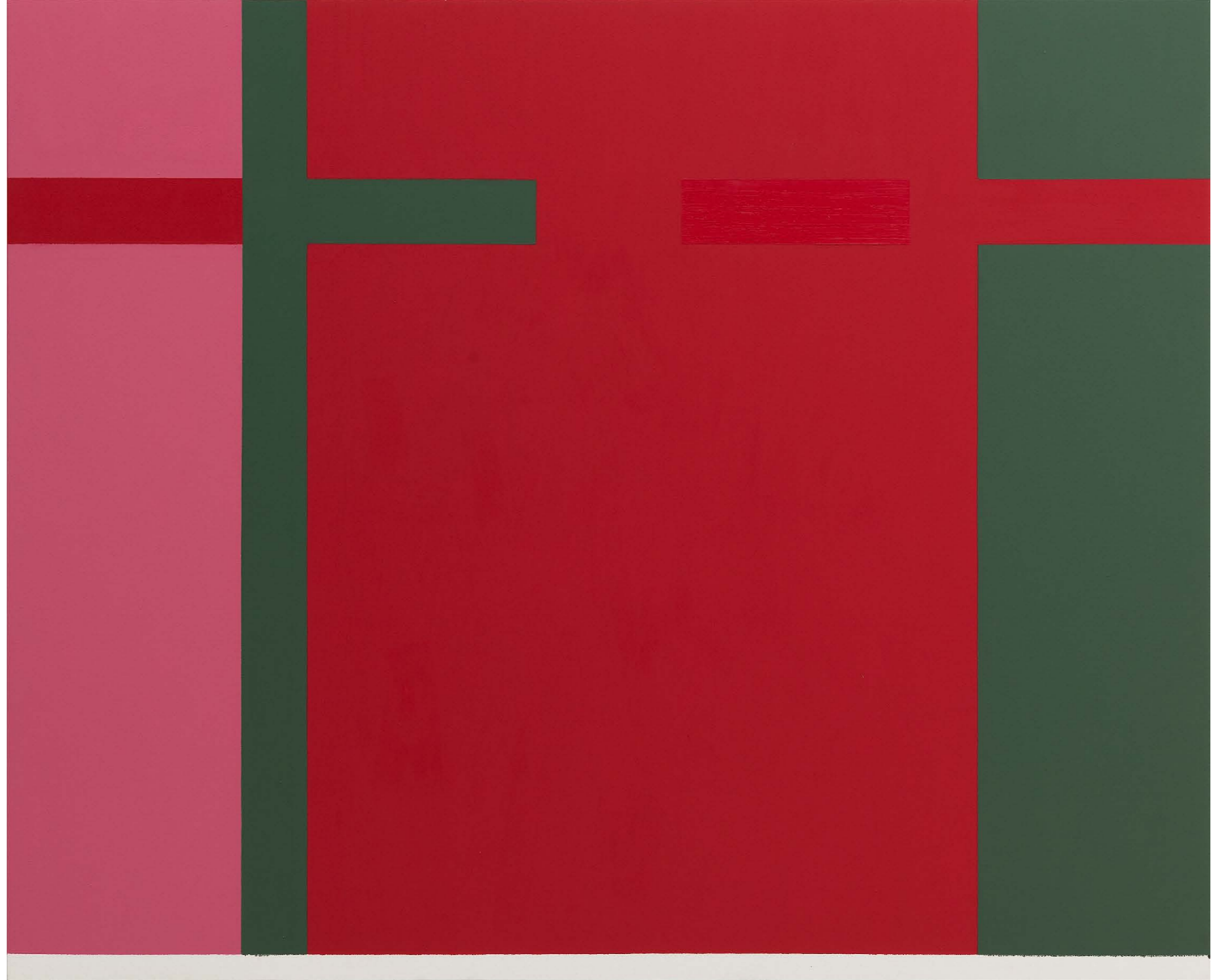
SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



ANUNCIAÇÃO VERMELHA
ÓLEO SOBRE TELA 240 X 300 CM 2015



SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE PAPEL 50 X 65 CM 2016



SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 180 X 220 CM 2016 - 2017



SEM TÍTULO
ÓLEO SOBRE TELA 50 X 70 CM 2016



PAULO PASTA

NASCEU EM 25 DE JANEIRO DE 1959 NA CIDADE DE ARIRANHA, SÃO PAULO. CONVIVE COM OS QUADROS QUE SEU PAI, JOSÉ ANTÔNIO PASTA, HAVIA PINTADO. PELA COLEÇÃO *GÊNIOS DA PINTURA* CONHECE OBRAS-PRIMAS DA HISTÓRIA DA ARTE. AOS 13 ANOS, NO ATELIÊ IMPROVISADO AO LADO DA CASA DOS PAIS, COMEÇA SEUS PRIMEIROS EXERCÍCIOS DE PINTURA SOB A INFLUÊNCIA DE TRAÇOS E CORES DE MATISSE, MONET, VAN GOGH E MONDRIAN. TERMINA SEUS ESTUDOS BÁSICOS NA CIDADE NATAL.

1977 Muda-se para São Paulo, para cursar o preparatório do vestibular de arquitetura. No cursinho, é aluno de Carlos Fajardo e Luiz Paulo Baravelli. Fajardo o influencia sobre a compra de material de pintura e sobre assuntos artísticos. Começa, então, a frequentar as aulas de desenho de modelos vivos na Pinacoteca do Estado de São Paulo e convive com as obras do acervo desse museu. Nesse mesmo período, faz visitas frequentes ao acervo do Museu de Arte de São Paulo, Masp. Prestes a se inscrever na prova para a Faculdade de Arquitetura, confidência apenas ao seu irmão mais velho, José Antônio Pasta Júnior, professor de literatura da USP e crítico literário, sobre a desistência quanto a essa carreira. O irmão o apoia, e Pasta ingressa, em 1978, na Escola de Artes Plásticas da USP.

1979 No segundo ano de faculdade começa a dar aulas de pintura em uma escola nos arredores de sua casa, atividade que exerce até hoje.

1980 Atua como monitor e arte-educador na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Passa a ter um contato mais estreito com as pinturas de Almeida Júnior, Castagneto, Parreiras, e pintores do Grupo Santa Helena, em especial, Alfredo Volpi. Seus desenhos e pinturas, nessa época, retratavam, pela memória, as paisagens *Cronologia de Canaviais* de sua terra natal. Cria obras abstratas, nas quais utiliza uma gama cromática reduzida, explorando variações tonais. Realiza exposições individuais nas Galerias Campus/USP de Ribeirão Preto e de São Carlos.

DOUTOR EM ARTES VISUAIS PELA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ECA / USP (SP). RECEBEU A BOLSA EMILE EDDÉ DE ARTES PLÁSTICAS DO MAC/USP (SP) EM 1988. DENTRE AS EXPOSIÇÕES REALIZADAS, DESTAQUE PARA INDIVIDUAL NO CENTRO CULTURAL MARIA ANTONIA, EM 2011; PARA O PANORAMA DOS PANORAMAS, NO MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO, EM 2008; E PARA INDIVIDUAL NA PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2006. COMO PROFESSOR, LECIONOU PINTURA NA FACULDADE SANTA MARCELINA - FASM, ENTRE 1987 E 1999, E DESENHO NA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, ENTRE 1995 E 2002. É PROFESSOR DA USP DESDE 2011 E, DA FAAP, DESDE 1998.

1983 Gradua-se em artes plásticas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, onde estudou desenho e gravura em metal com Evandro Carlos Jardim, litografia e serigrafia com Regina Silveira e pintura com Carmela Gross.

1984 Participa de uma mostra no espaço DHL, na avenida Paulista, com o amigo Cláudio Mubarac. Desenhos e pinturas de paisagens de cunho naturalista preenchem a sua primeira exposição individual.

1986 Participa do IX Salão Nacional de Arte Contemporânea da Funarte no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, conquistando o Prêmio Aquisição. Expõe trabalhos no IV Salão Paulista de Arte Contemporânea, onde ganha a admiração do galerista Paulo Figueiredo, seu marchand até 1993.

1987 Exerce atividade docente na Faculdade Santa Marcelina e Faculdades Alcântara Machado. Recebe o Prêmio Secretaria do Estado da Cultura no V Salão Paulista de Arte Contemporânea. Realiza a exposição individual "Pinturas" no Centro Cultural Cândido Mendes, Rio de Janeiro. Participa da exposição "Imagens da segunda geração", no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, com curadoria de Tadeu Chiarelli.

1988 Recebe a Bolsa Emile Eddé de Artes Plásticas. Ganha Sala Especial no VI Salão Paulista de Arte Contemporânea. Expõe individualmente no Centro Cultural Cândido Mendes. Workshop Berlim/São Paulo, Museu de Arte de São Paulo e Kunsthalle de Berlim, Alemanha.

1989 Recebe Prêmio Viagem no XI Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte, Rio de Janeiro. Expõe individualmente no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Organiza, em seu ateliê, a exposição "10 artistas", na Rua Fortunato, 85, São Paulo. Participa das exposições "Novos valores latino-americanos", no Museu de Arte de Brasília; "Arte paulista - perspectivas recentes", no Centro Cultural São Paulo, e "Panorama atual da pintura", no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

1990 Recebe o Prêmio Brasília de Artes Plásticas no Museu de Arte de Brasília - MAB/DF. Expõe, individualmente, na Pasárgada Arte Contemporânea, Recife. Participa da exposição "Olhar Van Gogh", no Masp, e no Palácio das Artes, Belo Horizonte.

1991 Expõe na Galeria de Arte Paulo Figueiredo, em São Paulo. Participa da III Bienal de Cuenca, no Equador e da exposição "La nueva generación", no Museo de Bellas Artes, Caracas, Venezuela. Participa da coletiva "BR 80", na Galeria Itaú, São Paulo.

1992 Participa da exposição "13 artistas paulistas", no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Expõe no Programa de Exposições de Arte Contemporânea do Centro Cultural São Paulo.

1993 Exibe individualmente na Itaú Galeria de Belo Horizonte. Participa de uma exposição no Studio Kostell, Paris.

1994 Participa da XXII Bienal Internacional de São Paulo. Expõe individualmente na Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro.

1995 Professor da Universidade Mackenzie, onde permanece até 2002. Realiza individual na Sala Alternativa de Artes Visuais, Caracas, Venezuela.

1996 Expõe na Galeria Camargo Vilaça, em São Paulo; e na Galeria Casa da Imagem, em Curitiba. Participa da exposição "Vento sul" com itinerância pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideú.

1997 Recebe o Grande Prêmio Price Waterhouse - Conjunto de Obras, no Panorama de Arte Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP). Expõe na Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro. Participa do projeto Arte Cidade III - A Cidade e suas Histórias, São Paulo.

1998 Torna-se professor de pintura na Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP. Ministra cursos livres em várias instituições culturais, como o Museu Brasileiro de Escultura - MuBE. É publicado o livro *Paulo Pasta*, pela Edusp, com textos críticos de Rodrigo Naves, Nuno Ramos, Alberto Tassinari e Lorenzo Mammì. Expõe na Galeria Vicente do Rego Monteiro, Fundação Joaquim Nabuco, em Recife; e também na Galeria Casa da Imagem, em Curitiba.

1999 Expõe na Galeria Camargo Vilaça, São Paulo. Participa das exposições "O Brasil no século da arte - a Coleção MAC/USP", Galeria de Arte do Sesi; "Quase fi gura", MAM e "80 anos de arte no Brasil", MAM, todas em São Paulo.

2000 Expõe na Galeria Celma Albuquerque, Belo Horizonte. Participa das mostras “Brasil + 500 - Mostra do Redescobrimento”, Pavilhão da Bienal, São Paulo; “Obra nova”, Museu de Arte Contemporânea, São Paulo; “A pintura dos anos 90”, MAM/SP; “Projeto Macunaíma Reflexões”, Funarte, Rio de Janeiro.

2001 Expõe na Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro. Participa das exposições “O espírito de nossa época”, Coleção Dulce e João Carlos Figueiredo Ferraz, MAM/SP; “A cor na arte brasileira”, no MAM/SP; “Espelho cego”, Coleção Marcantônio Vilaça, Paço Imperial, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo. Participa da 3ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre.

2002 Expõe na Galeria Nara Roesler e Centro Cultural Maria Antônia, ambos em São Paulo. Participa das exposições coletivas “Estratégias para deslumbrar”, Fiesp, São Paulo; “Caminhos do contemporâneo”, Paço Imperial, Rio de Janeiro e Pinacoteca do Estado de São Paulo; e de “O plano como estrutura, o plano como figura”, MAM/SP. Obtém título de mestre pela Universidade de São Paulo.

2003 Expõe na Galeria 10,20 x 3,60, São Paulo. Participa das coletivas “2080”, MAM/SP e “Uma certa pintura”, na Galeria Casa da Imagem, Curitiba.

2004 Expõe no Centro Cultural São Paulo como artista convidado. Participa das coletivas “Heterodoxias”, na Casa da Ribeira, Natal, e também na Paulo Darzé Galeria, em Salvador.

2005 “Arte em Metrópolis”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil.

2006 Expõe, em mostra com caráter retrospectivo, com curadoria de Tadeu Chiarelli, na Estação Pinacoteca, São Paulo. Participa das coletivas “Acervo contemporâneo da Pinacoteca do Estado de São Paulo e Coleção Dulce e João Carlos Figueiredo Ferraz”, no Museu de Arte de Ribeirão Preto; “MAM [na] Oca”, OCA, São Paulo; “Da pintura contemporânea”, Casa da Imagem, Curitiba e “Ao mesmo tempo o nosso tempo”, MAM/SP. É lançado o livro *Paulo Pasta*, pela Cosac Naify, com ensaios críticos de Tadeu Chiarelli, Paulo Venâncio Filho e Lorenzo Mammì.

2007 Expõe na Galeria Millan, São Paulo. Individual na Galeria Art'Lounge, em Lisboa, “O silêncio da pintura”. Participa das coletivas “Pintura brasileira no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo”, no Museu de Arte Moderna do Espírito Santo, Vitória; “Conexões”, MAC/USP, e “80/90 modernos - pós-modernos, etc.”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo.

2008 Expõe no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, com curadoria de Ronaldo Brito. Participa das coletivas “Panorama dos panoramas”, MAM/SP; “Arquivo geral”, Centro Cultural da Justiça Eleitoral, Rio de Janeiro, e “Arte contemporânea: aquisições recentes da Pinacoteca do Estado de São Paulo”, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

2009 Realiza individual “Por que desenho”, na H.A.P. Galeria, Rio de Janeiro. Participa das coletivas “Matisse hoje”, Pinacoteca do Estado de São Paulo; “Dentro do traço, mesmo”, Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre. Curador da exposição “Nasci errado e estou certo”, com trabalhos de José Antônio da Silva, na Galeria Estação, São Paulo.

2010 Dedicar-se também à produção de serigrafias. Publica o álbum *9 serigrafias* pela Papel Assinado, São Paulo.

2011 Exposição “Sobrevivíveis”, no Centro Cultural Maria Antônia. Participa das exposições coletivas “Europalia, International Art Festival”, Bruxelas, Bélgica; “Percurso contemporâneo”, Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba, SP; “1911-2011: Arte brasileira” e “Coleção Itaú”, Palácio das Artes, Belo Horizonte, e Paço Imperial, Rio de Janeiro; mostra inaugural da SIM Galeria, Curitiba; “Espaços da cor”, no Paço das Artes, São Paulo. Obtém o título de doutor em artes visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Torna-se professor convidado do Departamento de Artes Plásticas da Universidade de São Paulo.

2012 Lançamento do livro *Educação pela pintura*, uma coletânea de textos do pintor editada pela WMF Martins Fontes. Individual na Galeria Millan, "O fim da metade é o começo do meio", com oito óleos recentes de grandes dimensões. Expõe individualmente em Ribeirão Preto, na Galeria Adearte, "Coleção do artista", com trabalhos de pequenas dimensões. Participa da coletiva de inauguração da nova sede do Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba, SP. Curador da exposição "O mundo embrulhado para presente", com trabalhos de Júlio Martins da Silva, na Galeria Estação, São Paulo.

2013 Exposição Coletiva "Correspondências", no Instituto Tomie Ohtake, com curadoria de Agnaldo Farias e Paulo Miyada; "Pinturas Recentes", em Individual, na Fundação Iberê Camargo, dos dias 6 de Junho a 25 de Agosto, sob a curadoria de Tadeu Chiarelli. Exposição 30 x Bienal, Pavilhão da Bienal de São Paulo, SP. Exposição individual, "A pintura é que é isto", Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, RS, Brasil.

2014 Exposição "Quase figura, quase forma", Galeria Estação, São Paulo, SP. Exposição individual, Correntes, SESC Belenzinho, São Paulo, SP.

2015 "Retrospectiva: 25 Anos do Programa de Exposições CCSP", Centro Cultural de São Paulo, São Paulo, SP. Exposições individuais: "Há um fora dentro da gente e fora da gente um dentro", Galeria Millan, São Paulo, SP. Museu Afro Brasil, São Paulo, SP. "Fábula da Paisagem", Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, SP.

2016 "Clube de Gravura – 30 Anos", MAM-SP, São Paulo, SP. "Os Muitos e o Um", Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP. "Pequenas Pinturas", Auroras, São Paulo, SP. Exposição individual "Setembro", Palazzo Pamphilj, Embaixada do Brasil em Roma, Roma, Itália. Paulo Pasta, FAPESP, São Paulo, SP.

2017 Exposição individual "Tempo Estendido, pinturas recentes", na Paulo Darzé Galeria, Salvador, Bahia.



ORGANIZAÇÃO

Paulo Darzé

Thais Darzé

ENTREVISTA

Maria Hirszman

PROJETO GRÁFICO

Studio Folha

FOTOGRAFIAS

Andrew Kemp

DIVULGAÇÃO

Claudius Portugal

AGRADECIMENTOS

Galeria Millan



RUA DR. CHRYSIPPO DE AGUIAR 8
CORREDOR DA VITÓRIA SALVADOR

[71] 3267.0930 99918.6205
PAULODARZE@TERRA.COM.BR
PAULODARZEGALERIA.COM.BR

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A

PAULODARZEGALERIA.COM.BR